

Mônica Junqueira de Camargo

Colaboradores:

Mário Henrique Simão D'Agostino

Fábio Penteadó

Giselda Visconti

Renato Nunes

Julio Camargo Artigas

Sylvia Ficher

DE ARCHITECTURA, VITRÚVIO,

EDIÇÃO DE 1586:

A CURIOSA TRAJETÓRIA DA IUGOSLÁVIA
À BIBLIOTECA DA FAUUSP

OIO

pós-

Em 2007 a biblioteca da FAUUSP recebeu uma rara doação. Não só o livro constitui uma relíquia, uma edição de 1586 do tratado *De architectura*, de Vitruvius, comentada por Guillaume Philandrier, como a história particular desse exemplar, pelo menos de seus últimos 60 anos, confere-lhe um valor adicional.

capa



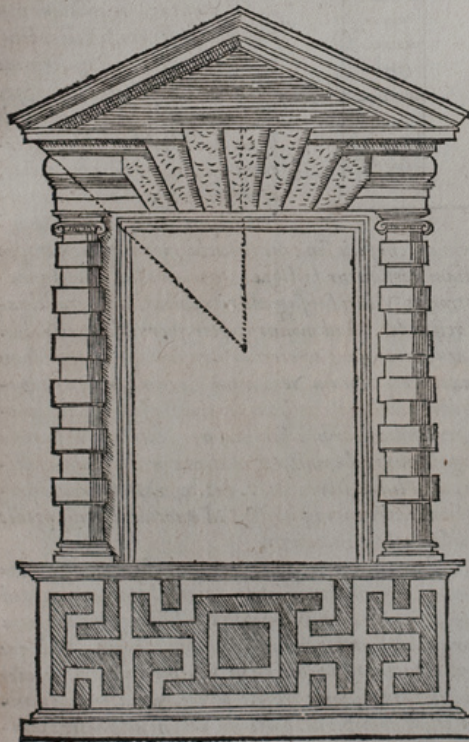
pós-

IIO

Et certam, alioquin necessariam dictionem, veluti subsultantem, temerè & pessimo consilio summouisse. Potest & illud admoneri, colossium adiectiue dici à Lampridio in Alexandro, vti à Plinio lib. XXIIII. cap. VIII. colosseum, & à Virruuo colossicum, vti & à Plinio loco memorato. Illud studiosum nolim fugiat, à Philippo Beroaldo nunquam visum esse florem cyclamini, herbe vulgo panis porci dicte, qui scribat à Plinio lib. XXI. cap. IX. colossinum propter altitudinem vocari, cum constet exiguum esse. Itaque scribitur colossinus, colore qui à Colossis vrbe Troade vocatus est. Quem intelligi velle, indicat lib. XXV. cap. IX. in quo dicit purpureos cyclamini flores, Dioscoridem & veritatem secutus. Nam colore sunt ad purpuram inclinato, quos Dioscorides dicit ἀντι πορφυροῖσι.

Et earum trium prima fascia est facienda, secunda quatuor, summa quinque. Hoc perpetuum esse debet in omnibus generibus. Nolim igitur imiteris cum Architectum, qui exstruxit fornicem, qui est Verona ad eam portam que à Leonibus appellatur: in epistylis enim composito præposterum fasciarum vidimus ordinem, ima scilicet crassissima, media secunde crassitudinis, summa minima crassitudinis.

Fastigium triangulum.



Neque diuersa ratio erit in arcuatis flexis & trabecationibus. Quin eadem ornamenta, que directis trabibus dabantur, atque idem ordo tribuetur. Idipsum tamen viti obseruavi in fornice, qui Spoletij Drusi & Germanioi nomine extructus est, & in trophæo Augusti Cesaris municipij Segusini ad alpes Cottias, cuius inscriptio integra legitur in Plinio lib. III. cap. XX. Hominum enim iniuria, non ætatis vitio factum est, vt penitus deleta sit, cum non ita pridem partem aliquam legerimus: item in arcu eiusdem principis nomine Fani extructo. Ista protuli, ne eses nescius, etiam in veseribus monumentis esse, que nisi cum vitio imitari non possis.

Vti frons coronæ ab extremis cymatijs tota dimetiatur in partes nouē, & ex eis vna pars in medio cacuminis tympani constituitur.] Tympanū hoc loco ve-

q
catur

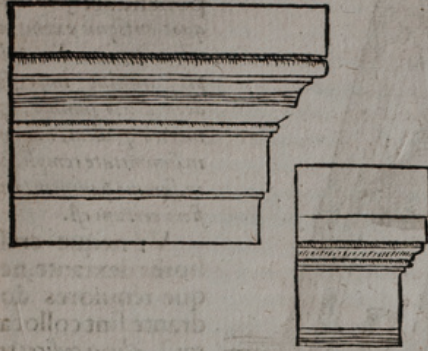
Esse precioso volume chegou às minhas mãos por intermédio do arquiteto Fábio Penteadado, cujo gesto só pude entender como um pedido de encaminhamento a uma instituição pública. Fábio, por sua vez, tinha recebido-o como presente de seu amigo – o engenheiro-arquiteto iugoslavo Stipan Dragutin Milicic, que trabalhou no Brasil entre 1950 e 1970. Quem conhece Fábio Penteadado pode concluir que a doação, por parte de Stipan, desse raro patrimônio, também de inestimável valor afetivo, foi certamente um ato de reconhecimento por sua inconfundível generosidade, de igual ou maior valor. Fábio Penteadado quase sempre desenvolve seus projetos em parceria, tendo acumulado, ao longo de sua trajetória, uma extensa lista de colaboradores, que sempre distinguiu como amigos. Não por acaso, a Sala Especial da IV Bienal Internacional de Arquitetura dedicada à sua obra era delimitada por um extenso painel em que foram todos retratados no belo traço de Valandro Keating. Seus projetos, independente do programa, são convidativos centros de convivência, uma interpretação local e atualizada dos condensadores sociais típicos do construtivismo russo, sendo o Centro de Convivência de Campinas o mais explícito.

Quando convidei Fábio para oficializarmos a doação, em uma singela reunião no Departamento de História da FAUUSP, ele complementou o presente com os depoimentos de antigos companheiros de Stipan, os quais tomou a iniciativa de providenciar, enriquecendo ainda mais a história desse exemplar. As lembranças desses colegas resgataram algo do trabalho de Stipan e de sua personalidade, pouco conhecido entre os mais jovens, mas muito significativo para aqueles que com ele tiveram o prazer de conviver, como atestam os relatos de Renato Nunes, Giselda Visconti, Julio Camargo Artigas e Sylvia Ficher. Esses arquitetos tiveram a oportunidade de trabalhar com Stipan no projeto para o Conjunto Habitacional Zezinho Magalhães Prado (1967), de autoria dos arquitetos Fábio Penteadado, João Vilanova Artigas e Paulo Mendes da Rocha, cujo desenvolvimento é de autoria do Escritório Técnico da Cecip, que contava, naquela época, com uma grande equipe de arquitetos, entre os quais: Arnaldo Martino, Geraldo Vespaziano Puntoni, Ruy Gama, além dos já mencionados. Os depoimentos abaixo transcritos são reveladores da importante contribuição de Stipan na elaboração desse projeto referencial da cultura arquitetônica paulista.

A reconhecida experiência de Stipan na implantação de projetos urbanos valeu-lhe o convite para participar do concurso para o plano piloto de Brasília, integrando a equipe dos arquitetos Milton C. Ghiraldini; Clovis Felipe Olga; Nestor Lindenberg; Manoel da S. Machado, Wilson Maia Fina e dos engenheiros: Milton A. Peixoto e Rubens Gennari, cuja participação a equipe fez questão de registrar conforme documento abaixo. A proposta por eles apresentada foi classificada em quinto lugar.

Para completar esse quadro de notoriedade, o professor doutor Mário Henrique D'Agostino – obstinado estudioso da tradição clássica – gentilmente aceitou o convite para apresentar o conteúdo e a particularidade dessa edição, com a concisa e brilhante resenha: *Entre antigos e modernos. O comentário de Philandrier a Vitruvius*, revelando seu profundo conhecimento sobre cultura arquitetônica transmitida pelos tratados.

Aedificij bases.

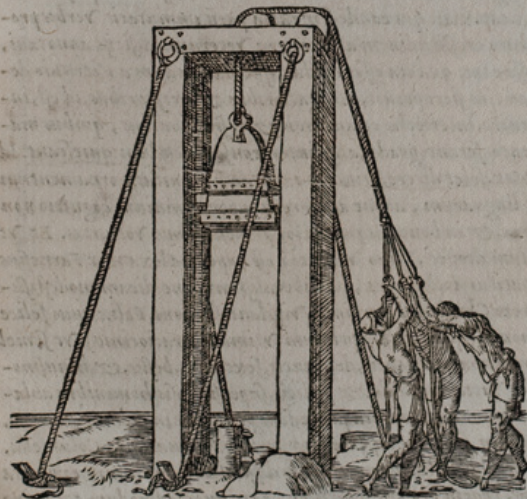


Aut solidanda fistucationibus.] id est, palationibus, palis è robore, alno, olea, & stulacis, & fistuca machina adactis, ut paulò post præcipit, & libr. v. cap. ultimo. Sed & libri secundi cap. ix. tradit alnum in palustribus locis infra fundamenta aedificiorum palationibus crebrè fixam, permanere immortalem ad aeternitatem. Aut, solidanda fistucationibus internulla, hoc est fistuca ea qua pauciores veniunt utrinque ansata ex æquanda, firmandaq. Quod puero huic loco magis quadrare. Vitruvius libri septimi cap. i. Sin autem

omnis, aut ex parte congestitius locus fuerit, fistucationibus cum magna cura solidetur, id est, crebris paucularum ictibus inculcetur & condensetur: & ut loquitur Plinius lib. xvii. cap. xi. fistucato spissetur.

Sublicæ que machinis adigantur.] id est, pali. sublica lingua volscæ significat traves longas, unde & pons sublicius vocatus. Fistuca eius, qua ferè veniunt in palationibus, apposui figuras.

Fistuca machina.



Carbonibusque implentur interval-la palorum.] Naturali enim carbonum raritate humor excipietur. Quod testatur libri quinti capite nono. Structuris solidissimis fundamenta implentur.] Fundamenta vocat Vitruvius ipsas fossas, ubi substruitur, sicuti libro i. cap. v. Fundamenta sic sunt faciendâ, uti fodiuntur (si queant inveniri) ad solidum, & in solido, quantum ex amplitudine operis pro ratione videatur, crassitudine ampliore quam parietum, qui supra terram sunt futuri, ea implentur quam solidissima structura. Et libr. v. cap. ultimo, Inter septiones fundamenta sodiantur. Ipsam verò structuram & fabricam appellat substructionem dicti lib. v. cap. xi.

p 2 Item

OI4
pós-

DEPOIMENTOS

Arquiteto Fábio Penteado

Em 1958, durante um almoço no IAB, ainda nos bons tempos do IAB de São Paulo, estávamos festejando a visita do arquiteto Yanos Metrovic, então presidente dos arquitetos da Iugoslávia, que quase caiu de susto ao saber que seu velho amigo e colega Stipan Dragutin Milicic, há tempos, desaparecido da Iugoslávia, estava morando e trabalhando normalmente em São Paulo.

Em 1954, recém-arquiteto pelo Mackenzie, tive a sorte de conhecer e convidar o arquiteto Stipan Dragutin Milicic para trabalhar comigo e éramos só nós dois em precário escritório que eu mantinha na rua Riachuelo, perto da praça da Sé, em São Paulo, e foi lá que ganhei um grande amigo, responsável também pela consolidação de meus projetos.

Com o tempo, fui conhecendo um pouco da vida do Stipan, mas só depois dos relatos do Metrovic é que cheguei mais perto de sua história, naquela época da Iugoslávia, do reconhecimento público por seus tempos de guerra ao lado do lendário Marechal Tito e de seu prestígio como arquiteto, inclusive por sua destacada participação nos projetos de Zagreb, a nova capital da Iugoslávia. Mas nem o Metrovic ou os amigos mais próximos de Stipan entenderam sua fuga rocambolésca.

De fato, ele fugiu da Iugoslávia em um pequeno barco de corrida que acabou afundando no meio do Adriático e, recolhido e levado a um Centro de Apoio Internacional em Trieste, onde chegou com a roupa do corpo e um inusitado e surpreendente livro de arquitetura – *De architectura*, de Vitruvius, o qual, por ato de doação de nossa querida professora Mônica Junqueira de Camargo, passa a integrar o acervo da biblioteca desta honrada faculdade de arquitetura.

Arquiteta Giselda Visconti

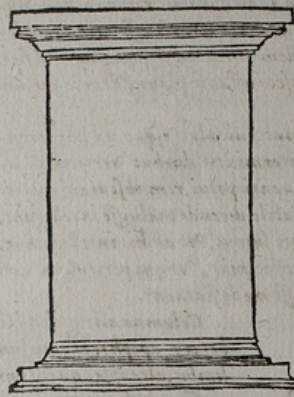
Seu Stipan, como nós o chamávamos, era engenheiro naval e conhecia profundamente geometria, trigonometria e sua aplicação na implantação de projetos, além de representar, por meio do desenho técnico, com precisão absoluta, para a correta execução das obras do Conjunto Zezinho Magalhães Prado, todos os mais complexos cálculos de ângulos, tangências, concordâncias e níveis das ruas e praças.

Era muito elegante e trabalhava sempre de terno, mesmo quando desenhava. Apreendi muito com seu Stipan, não só conhecimentos técnicos, mas também sobre a antiga Iugoslávia, seu país de origem, em conversas interessantes, que deixam muitas saudades.

Arquiteto Renato Nunes

Do Stipan, a imagem que me ficou na lembrança, quando passamos pela dureza dos trabalhos de desenvolvimento do projeto do Conjunto Habitacional da Cecap em Guarulhos, é que ele era uma espécie de pomba da paz.

Cabelos brancos, camisa de gola olímpica branca, sempre muito elegante, destilando calma, muita calma. Além disso, muita sabedoria de vida exibida sem



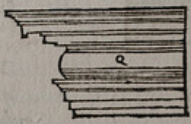
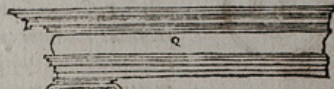
nae, duae simae, una hinc, & altera istinc pro regulis. Basis dividetur in partes quinque. Una dabitur astragalo & regule, quae eius medietatem habebit: secunda sima inversa cum regula, quae ipsius erit tertia pars. Tertiam accipiet torulus. Quartam & quintam plinthus amplectetur.

Ionicus Stylobata.

Nomina & seriem partium generis Ionici ita enumerabimus. Trabeationis, regula, sima, cymatium, corona, cymatium, denticulus, cymatium, Zophorus, cymatium, Epistylus fascia prima, fascia secunda, fascia tertia, Capituli, cymatium, abacus, voluta, echinus, astragalus, Columna, astragalus, apophygis superior cum annulo, Basis, torulus, regula, scotia superior, regula, astragalus prior, astragalus posterior, regula, scotia inferior, plinthus, Stylobata, Coronae, cymatium, corona, sima, quadratum proportionis sesquialtera, Basis, regula, astragalus, sima inversa, torulus, plinthus.

Ionica integra columnatio cum trabeatione.

Quartum nostrae portionis membrum, quod Corinthium vocavimus, explicandum est. Eius trabs, contignatio, & pavementum sine rectum, id est epistylum, Zophorus, & coronae, tam sunt Ionice similia, ut qui viderit, exculta potius, quam diversa sit iudicaturus. Eadem partes, idem commentus. Hoc est discrimen, quod in Corinthio genere inter coronam & denticulum collocatur tam altus, quam est prima epistylus fascia, echinus sculptus ouisculis, aliquando integris, aliquando superne decacuminatis, cum interseritis utrinque hamatis spiculis. Praeterea sub epistylus fasciis summa & media adduntur astragali singuli, crassis sua fascia parte acta



Componentes arquiteônicas da ordem jônica com frisa pulvinada. Em linhas gerais, Philandrier segue as prescrições estabelecidas por Sebastiano Serlio em suas Regole generali sopra le cinque maniere degli edifici.

discursos ou falas carismáticas. Sempre quieto e silencioso, quando nosso entusiasmo mostrava ser muito maior do que nossa competência, era ele quem resolvia a parada. Naquele tempo não sonhávamos com computador e muito menos com *autocad*, era na cabeça e na unha mesmo. Ainda se via alguns de nós molhando, no canto da boca, a mina da lapiseira Khoo Inor logo após afiá-la na lixa pendurada com barbante na beirada da prancheta (o paninho de limpar as penas da *graphos* também fazia parte do *kit* desenho).

Depois das longas conversas sobre o projeto quando, então, reformávamos o mundo, vagando e divagando pelas alturas como passageiros de um balão, que enxergam a vida na terra como belíssimas manchas de cores e luzes, era o Stipan que puxava o cabelo e fazia-nos por os pés no chão. Nós, do grupo mais jovem, ficávamos entre querer ser do bloco dos criadores do projeto, pois dele participávamos, e responder pelo bloco dos montadores do projeto, tarefa dura dos carregadores de piano sem os quais projeto algum se conclui.

E, se aquele projeto se concluiu, aqueles imensos e precisos desenhos de topografia, implantação, sistema viário, grades, declividades, detalhes, foi porque o Stipan entrou no grupo e amarrou tudo.

Daquele marinheiro iugoslavo, essa era uma das coisas que ele dizia ter sido, e conversávamos horas sobre veleiros e pauleiras no mar, guardo a imagem da postura serena de quem sabe das dificuldades que irá enfrentar nas travessias e de quem sabe, também, que a façanha só será possível se ele somar, nos rachas, o esforço de cada tripulante.

Arquiteto Julio Camargo Artigas

Nós, os arquitetos da CECAP, éramos moços e moças ativos e irreverentes. No meio desse turbilhão autárquico, a cabeça de cabelos prateados, culta e irônica do Stipan, ensinava-nos algumas atitudes para o projeto, para a convivência e para a vida. No fundo, ele era meio inventor, meio educador.

Ele não conseguia preencher o formulário do imposto de renda, pois odiava burocracia. Todo ano eu inventava seu IR, pois Stipan não guardava nenhum comprovante. Era eu quem entregava sua declaração no banco. Depois, agradecido, ele me trazia uma garrafa de vinho ou pagava umas doses de um nobre destilado no bar de minha escolha.

O afeto se constrói no viver cotidiano.

O respeito vive eternamente em nós.

O Stipan ajudou a construir-me.

Carrego essa dívida com orgulho.

Júlio Camargo Artigas. Sempre aluno e amigo do Stipan Dragutin Milicic.

Arquiteta Sylvia Ficher

Fábio querido, não tenho muito a contar, apenas algumas poucas memórias de uma época que ficou marcada por alegrias cotidianas.

Trabalhei com Stipan no Escritório Técnico da CECAP, lá por volta de 1969. Era meu primeiro estágio, eu ainda estava no segundo ano do curso da FAU, sem

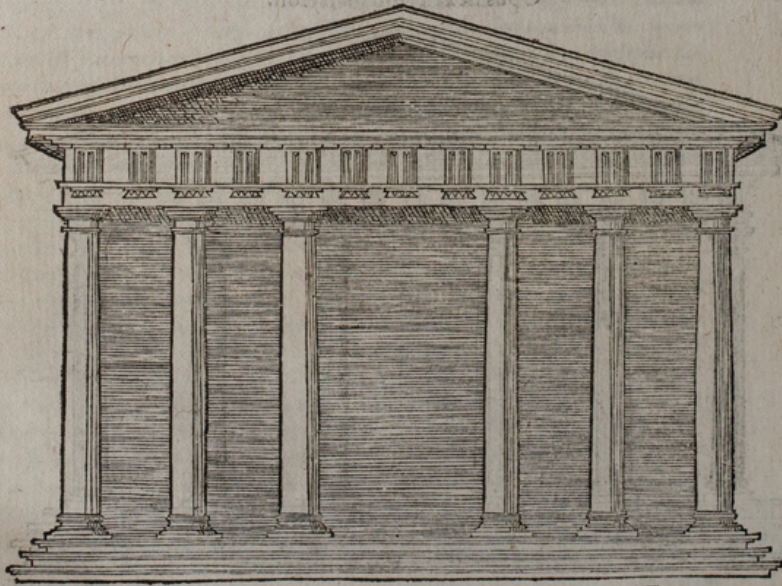
Opus tetrastylon systylon monotriglyphon.



non habent plures trigly-
p hos quàm unum, quæ
circumstent metopa d. i. e.
Systylon verò nõ propriè
dicitur, quia à columna
ad columnam solam est
triũ modulorũ internal-
lum, quod picnostyli est
propriũ, cum systylon sit
quatuor, si quidem habet
spatium duarũ columnar-
um. Sed quemadmodum
nõ ita multum antè, in-
tercolumnium interpre-
tati sumus, quantum à
triglypho ad triglyphum
est spatij, ita si hoc loco ac-
cipimus, non dubium est,
quin sint futuri moduli
quatuor, id est, duæ me-
topa, & triglyphus unus.

Est igitur genus hoc non systylon, sed systylon monotriglyphon. Figura adianxi.

Opus hexastylon systylon monotriglyphon.



Frons

Reconstituição do frontispício de templos tetrástilo e hexástilo, segundo as proporções estabelecidas por Vitruvius para o intercolúnio sistilo.

nenhuma experiência em nada que tivesse a ver com o lado mais prático da profissão. E foi lá na CECAP que me iniciei nas lides de um escritório. Isso no mais alto nível, tendo você, o Renato e o Stipan, como meus guias. Aprendi muito, em especial o cuidado com todos os aspectos do detalhamento de um projeto – e um projeto extremamente complexo, de todo um imenso conjunto habitacional.

Comecei fazendo margens a nanquim em folhas de papel vegetal, mas parece que não me saí tão mal assim e logo começaram a passar-me tarefas mais difíceis. E aí, um belo dia, o Stipan me chamou e disse que eu ficaria responsável pelo cálculo e traçado dos *grades* das vias do Zezinho Magalhães Prado. Mas com aquela gentileza, toda dele, ministrou-me um curso completo sobre o assunto, explicando-me todos aqueles cálculos complicadíssimos. Nem me lembro mais como eram feitos, lembro apenas que tinha a meu dispor uma régua de cálculo – será que alguém ainda sabe o que é isso? – e uma daquelas calculadoras antidiluvianas.

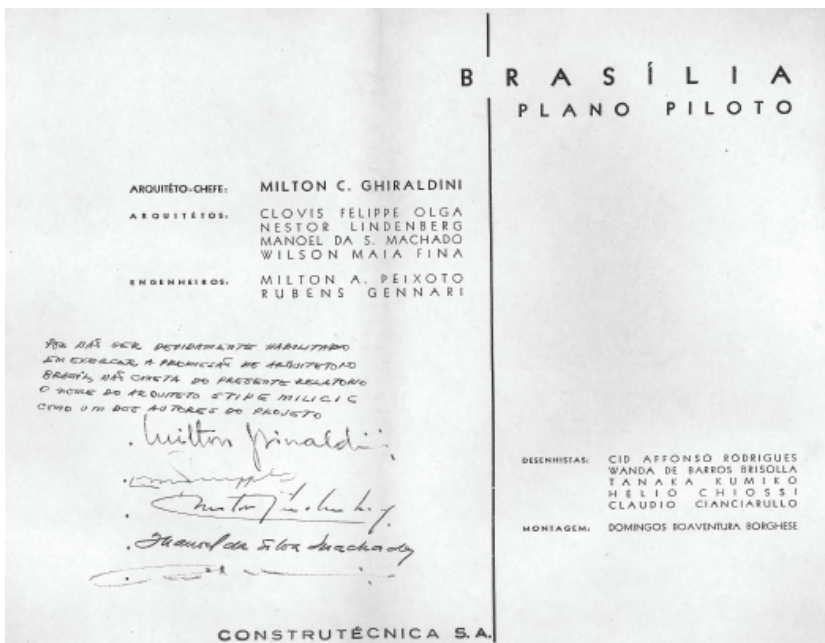
Mas, não sei se seria capaz, hoje em dia, de calcular a área de um quadrado, mesmo com nossos super-recursos de computação – de nosso maravilhoso convívio lá no escritório técnico ficou uma lição para toda a vida. Até hoje, ao orientar meus alunos na UNB, tento seguir nos passos do Stipan, tento mostrar a importância de cada decisão que se toma no detalhamento de um projeto, da responsabilidade que se assume ao construir-se algo que irá perdurar por décadas, quiçá por séculos.

O Stipan era um ser mais que humano, uma pessoa dedicada ao seu trabalho, com uma experiência de vida ímpar, cujos detalhes você, Fábio, conhece ainda melhor do que eu, cordial com todos, com senso de humor todo único. E por último, e não menos, um homem tão bonito e sempre tão elegante.

Fábio, como você vê, não é muito, mas aquele foi um tempo maravilhoso.

Adoraria receber uma foto do Stipan; se estiver junto, você, então melhor...

Um grande beijo, Sylvia.



Cópia do documento sobre o concurso para Brasília.

dum non arbitror, si antiquorum morem nostro tempore, quo ad eius fieri potuit, accommodare studuerint. Potuit autem eos aliquid mouisse, quod diutius & diligentius perferantibus, atque rectius consulentibus satisfacturum non erat. De me hoc certe profiteor, multas incidisse saepius in mentem sententias, quas tum quidem maiorem in modum probauerim: de eis vero cum seuerius & exactius anquirerem, errores inueni in ea parte ipsa, quae potissimum delectasset, & valde castigandos. Porro autem (ut aliquando susceptam rem finimus) mensas mappis non instruisse Romanos ex Martialis lib. x. epigr. in Olum coeci potest: pro se autem quenaq; conuiuia adferre consueuisse idem lib. x. de Hermogene scribens indicat. Sed illud hic aestimandum occurrit, num & ad eosdem referri possit, quod quadantenus tradit Iulius Pol-lux lib. v. cap. x. & apertius è Pausania Varinus Phaurinus Camers, allata post caenam ablutiois & mantilium loco medulla panis, hoc est magdalia, siue apo-

Lateranenſis & Mutinenſium marmorum formæ.



G magdalia

Cotejamentos entre o *De architectura* e relevos marmóreos remanescentes.

ENTRE ANTIGOS E MODERNOS. O COMENTÁRIO DE PHILANDRIER A VITRÚVIO

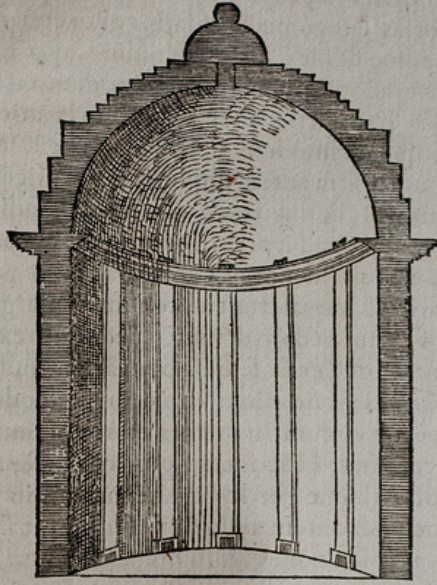
Mário Henrique Simão D'Agostino

Quando Guillaume Philandrier, em 1544, trouxe à baila a primeira edição de seu comentário ao *De architectura*, de Vitruvius, – único escrito sobre o ofício a sobreviver da Antiguidade –, estava bem cimentado o “regresso aos Antigos” que a moderna historiografia conceitua Renascimento italiano. Para uma geração de arquitetos, orgulhosa de haver restabelecido a *maniera antica* e, em alguns casos, ombrear ou mesmo superar a grandeza dos Maiores, era consensual o legado de Bramante. As palavras de Sebastiano Serlio em abertura às *Regole generali sopra le cinque maniere degli edifici* dão a medida das convicções aqui escudadas por arquitetos vários das três primeiras décadas do século 16: “(A arquitetura) pela virtude de seus famosos e excelentes engenhos, floresce em nosso século, tal como a língua latina nos tempos de Júlio César e Cícero.” Não surpreende, pois, que no *Il terzo libro nel quale si figurano e descrivono le antichità di Rome e le altri che sono in Italia e sopra Italia* o bolonhês incluía, entre os *exempla* pretéritos, o Tempietto de São Pedro em Montório, de Bramante – cujo acréscimo de uma base ática para a coluna dórica, mesmo sem respaldo nas prescrições vitruvianas, vem assim legitimado –, e cite a Villa Madama projetada por Rafael, também em Roma, como bom uso do entablamento jônico com frisa pulvinada.

Tal posição serliana diante aos “modernos” enfeixa a multitude de problemas que o estudo dos “antigos” – ruínas e escrito vitruviano – apresenta para o Quinhentos. Quase um século antes, Leon Battista Alberti, no sexto livro de seu *De re aedificatoria* (1452), aferia a disparidade entre os edifícios do passado, advertindo para a cauta e reta avaliação dos remanescentes. Rafael Sanzio, em sua famosa carta a Leão X, redigida em colaboração com Baldassare Castiglione (c.1519), volta à tópica dos antigos e modernos, vinculando as “*sorti di aedificii in Roma*” a três grandes tempos históricos, sem detratar a autoridade de Vitruvius para a apreciação da vetusta ordem da arquitetura romana (RAFFAELLO; CASTIGLIONE, VII-XII). Mas será exatamente a *auctoritas* vitruviana a cair sempre mais em descrédito com os levantamentos da arquitetura antiga coordenados por ele em Roma. Para além das dificuldades de exegese, dilatam-se, então, as divergências entre o prescrito no *De architectura* e as obras supérstites, e, com elas, as invectivas contra a legitimidade do preceituário. Baldassare Peruzzi é peremptório: Vitruvius nem sempre prescreve, em seu tratado, a “*maneira antiga*” mais bela! No mesmo registro, franqueiam-se as indagações sobre o *bon giudizio*, a acolher, vimos, invenções modernas desconhecidas pelos Antigos (PAGLIARA, p. 65).

Eis o quadro em que ganha lume a obra de Guillaume Philandrier, conhecida por ser, “*dentre todas as edições relacionadas com o tratado de Vitruvius, a mais publicada*”. (WIEBENSON; QUASEBARTH, p. 63). Seus comentários ao *De architectura* trazem significativos contributos aos embates sobre a questão do juízo da boa arquitetura e a validade do escrito vitruviano. Com relação ao primeiro,

vacille potissimum intelleximus, figurasq; Ichnographia Concamerationum & Partimenti, atque interioris Orthographia apposuimus.



De palestinarum ædificatione & xystis.

CAP. XI.

Ilustração do
gênero de templo
tholos com cúpula

Nunc mihi videtur (tametsi non sint Italicae consuetudinis) palæstrarum ædificationes tradere explicatè, & quemadmodum apud Græcos constituantur monstrare. Constituuntur autem in tribus porticibus exedræ spatiosæ, habentes sedes, in quibus Philosophi, Rhetores, reliquiq; qui studiis delectantur, sedentes disputare possint. In palæstris peristylija quadrata siue oblonga ita sunt facienda, uti duorum stadiorum habeant ambulationis circuitionem, quod Græci vocant *σταυλον*, ex quibus tres porticus simplices disponantur, quartaq; quæ ad meridianas regiones est conuersa, duplex, uti cum tempestates ventosæ sunt, non possit aspergo in interiorem partem peruenire. In duplici autem porticu collocentur hæc membra. Ephæbeum in medio (hoc autem est exedra amplissima cum sedibus, quæ tertia parte longior sit quàm lata) sub dextro corticeum, deinde proxime connisterium, à connisterio inuicifura

Rafael, em carta a Castiglione de 1516, tocava no cerne do problema: anuindo convir para o juízo do belo tanto o estudo da natureza como a consulência de elevados engenhos, ultimava, posto serem raras as belezas da natureza e os bons juízes, guiar-se “*por uma certa idéia que me vem à mente. Se possui valor artístico não sei, esforço-me bastante em tê-la*” (PANOFSKY, p. 58). Como paliativo às desconfianças sobre a validade do juízo (e correta eleição das *invenzioni*, antigas e modernas), a busca de regras marca o século 16. Precavendo-se de multiplicar exemplos, Serlio, em seu tratado de 1537, subsume seja o escrito de Vitruvius, sejam as obras antigas a uma racionalização que efetivamente constitui – “inventa”, para retomar a fórmula de Thoenes e Günther – a coerência léxica e sintática de nossas arquiconhecidas “cinco ordens da arquitetura”.

A preleção serliana é cara a Philandrier. Seus vínculos com Georges d’Armagnac, bispo de Rodez, propiciam-lhe ida a Veneza no ano antecessor à publicação das *Regole* (1536), durante o qual, e nos três sucessivos, tem Serlio como preceptor, deslocando-se depois a Roma. Em tudo o que então colhe do mestre ecoam querelas e temas orbitados na fábrica de São Pedro sob o papado de Leão X. Ali, até o saque de 1527, Serlio pôde colaborar no fantástico projeto de reconstituição gráfica da Roma antiga, encomendado pelo papa em 1513 a Sanzio, que conta com Fra Giovanni Giocondo como seu assistente nos trabalhos da basílica mãe. Noto, pelas aulas sobre Vitruvius ministradas em Paris, o franciscano granjeou fama com a edição ilustrada do *De architectura* (1511), na qual, diferentemente do príncipe de Sulpício, remediava lacunas importantes com a colação de diversos manuscritos e outros textos latinos. As 136 xilogravuras reunidas ao tratado (e mais quatro da edição de 1513) abrem um novo capítulo na história da difusão do *De architectura* e dos conhecimentos da arquitetura antiga.

Conjugados aos trabalhos no canteiro de São Pedro, os levantamentos da cidade antiga e o labor exegético do *De architectura* prolongam-se até a criação da Accademia della Virtù, na década de 1540, pelo humanista Claudio Tolomei (Günther). Depois do período vêneto em que pode se inteirar das reconstituições do antigo e das novas divisas teóricas de Serlio, Guillaume Philandrier terá papel decisivo na condução dos estudos vitruvianos na academia romana. Organizadas regularmente duas vezes por semana, as leituras do *De architectura* contavam, a cada vez, com a participação de um acadêmico encarregado de expor um comentário sobre o trecho lido. Os trabalhos seguiram de 1540 a 1544, ano em que Tolomei partiu de Roma. Como pondera Pagliara, “*restando irrealizado o programa mais ambicioso, os reflexos sobre os estudos vitruvianos devem ser buscados no comentário de Philandrier, concluído já no verão de 1541, sendo que o autor pode verossimilmente extrair fruto da sua participação nas reuniões acadêmicas até a impressão, completada três anos depois.*” (PAGLIARA, p. 73-74).

Ao comprometer a exegese do *De architectura* com a verificação dos remanescentes e o abalçamento dos preceitos com a prática profissional moderna, o comentário de Philandrier prossegue a disposição teórica típica do Quinhentos. Em um aspecto, porém, sua obra sinaliza para uma nova postura diante do tratado antigo, responsável, em grande medida, pelo recrudescer dos estudos vitruvianos

na segunda metade do século. Quando, em 1556, Daniele Barbaro ajuíza que “Vitruvius não quis dar leis rígidas dos espaços das diversas edificações, mas usou palavras indeterminadas, dizendo ‘se pode dispor’, se ‘se poderia colocar’, e semelhantes modos”, assim desobrigando os arquitetos contemporâneos de seguirem à risca as prescrições do tratado, a lição de Philandrier estava, enfim, plenamente assimilada.

M. Vitruvii Pollionis: De architectura libri decem, ad Caes. Augustum, omnibus omnium editionibus longè emendatiores, collatis veteribus exemplis. Accesserunt, Gulielmi Philandri Castilionij, ciuis Romani, annotationes castigatiores, & plus tertia parte locupletiores. Adiecta est epitome in omnes Georgij Agricolae de mensuris & ponderibus libros, eodem auctore. Cum Graeco pariter & Latino indice. O exemplar que passa a integrar o acervo de obras raras da biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade de São Paulo, graças ao altruísmo da Profa. Dra. Mônica Junqueira de Camargo e do arquiteto Fábio Penteado, felicita-nos a vetustíssima publicação de 1586 (LUGDUNI, Apud IOAN TORNAESIUM, Typogr. Reg.), símile à segunda edição, francesa (Lyon: IOAN DE TOURNES, 1552), na qual Philandrier acresce, aos comentários em latim, o texto por ele consolidado do *De architectura*.

Bibliografia

- ALBERTI, Leon Battista. *De re aedificatoria*. Milão: Il Polifilo, 1989.
- BARBARO, Daniele. *I dieci libri dell'architettura di M Vitruvio tradutti et commentati da Monsignor Barbaro eletto patriarca d'Aquileggia* (Rist. anast. 1567). Milão: Il Polifilo, 1997.
- CIAPPONI, Lucia A. II “De architectura” di Vitruvio nel Primo Umanesimo. In: *Italia Medievale e Umanistica III*. Pádua: Antenore, 1960.
- DI TEODORO, Francesco. *Raffaello, Baldassare Castiglione e la Lettera a Leone X*. Bolonha: Nuova Alfa Ed., 1994.
- GÜNTHER, Hubertus. La rinascita dell'antichità. In: MILLON, Henri; LAMPUGNANI, Vittorio M. (a cura di) *Rinascimento da Brunelleschi a Michelangelo. La rappresentazione dell'Architettura*. Milão: Bompiani, 1994.
- PAGLIARA, Pier Nicola. Vitruvio da testo a canone. In: SETTIS, Salvatori (a cura di). *Memoria dell'Antico nell'Arte Italiana*. (Tomo III) Torino: Giulio Einaudi Ed., 1986.
- PANOFSKY, Erwin. *Idea*. Madri: Catedra ed., 1987.
- SERLIO, Sebastiano. *Tutte l'opere d'architettura et prospettiva*. Oviedo: Colegio Oficial de Aparejadores y Arquitectos Tecnicos de Asturias, 1986.
- THOENES, Christof; GÜNTHER, H. Gli ordini architettonici: rinascita o invenzione? In: FAGIOLO, Marcello (a cura di). *Roma e L'Antico nell'arte e nella cultura del Cinquecento*. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana, 1985.
- WIEBENSON, Dora (Org.). *Los tratados de arquitectura. De Alberti a Ledoux*. Madri: Hermann Blume ed., 1988.

Mônica Junqueira de Camargo

Arquiteta, professora livre-docente da FAUUSP, editora-chefe da revista *Pós*
FAUUSP – Rua do Lago, 876. Cidade Universitária
05508-900 – São Paulo, SP
(11) 3091-4555
junqueira.monica@usp.br